



## UMA REFLEXÃO SOBRE A IMAGEM SOCIAL DA PIRIGUETE OU PERIGUETE: UMA ANÁLISE CRÍTICA DA CANÇÃO “TODA GOSTOSA”

Filipe Lins dos Santos

*Universidade Federal da Paraíba*

**RESUMO:** A imagem social da piriguite ou periguite está associada a uma reflexão de “transgressão” ao padrão social de mulher comportada ou recatada na esfera sexual, nesse sentido o objetivo do artigo é refletir como essa imagem social se relaciona com o padrão de liberdade sexual feminino e demonstrar como as relações de gênero são compostas por constantes desafios e enfrentamentos aos padrões sociais. Pretende-se analisar essa imagem social por meio de uma revisão da literatura, bem como pela análise crítica da música de funk Toda Gostosa, objetivando compreender a dinâmica dada pela sociedade a determinadas partes do corpo, a elaboração de uma estética perfeita e performance sexual ao corpo feminino.

**Palavras chaves:** corpo, piriguite, identidade sexual, performance.

### INTRODUÇÃO

A imagem social está atrelada a um conjunto de discursos e simbolismo que dão ao sujeito um espaço e sentido de ser a identidade interpretada. Nesse mesmo contexto, as relações de gênero também são associadas, revelando a dinâmica inerente aos estudos de gênero.

Assim, para se analisar a imagem social da piriguite ou periguite, convém compreender que essa identidade está relacionada a um padrão de corpo, estética e performance social que dão a esse personagem um caráter “transgressor” ao padrão tradicional de mulher recatada ou comportada. Portanto, pensar na figura social da piriguite ou periguite

é analisar como essa liberdade sexual é perpassada a esse ator social.

Por outro lado, esse personagem social exerce papel fundamental no próprio conceito de gênero, pois partindo da concepção que o gênero não é algo estático e binário, mas que as performances sociais que reiteradas constroem uma identidade ao sujeito, torna-se possível perceber que a piriguite ou periguite também elabora seu próprio conceito de gênero.

Outrossim, discutir essa personagem é perpassar por conceitos sociais como sensualidade e sexualidade, bem como a relação corpo e performance sexual, para tanto utilizou-se a canção de funk “Toda Gostosa” de MC Leozinho, a fim de exemplificar como essa dinâmica de sensualidade se constrói em torno



do corpo e como esses padrões são exaltados e direcionam o sujeito a um determinado comportamento.

Assim, a escolha dessa música não se deu de forma aleatória, mas com finalidade reflexiva na medida que ela elabora um cenário de sensualidade e sexualidade enfatizando determinadas partes do corpo feminino e constrói indiretamente uma estética de beleza.

Diante do exposto, o objetivo do artigo é refletir como essa imagem social se relaciona com o padrão de liberdade sexual feminino e demonstrar como as relações de gênero são compostas por constantes desafios e enfrentamentos aos padrões sociais.

## **CORPO, PERFORMANCE, IDENTIDADE**

Para se compreender a dinâmica que reveste a figura social da piriguete ou periguete, convém observar que obter essa imagem social é associada a um perfil estético e a uma performance, portanto a um corpo e um comportamento no meio social que viabilize identificar dentro outros comportamentos, àquele qualificado como uma mulher piriguete ou periguete.

Dessa forma, um corpo não é isolado do seu meio social, bem como não pode ser analisado pelo viés biológico

apenas, destarte para se compreender um corpo e uma identidade a ele associada faz-se necessário partir da percepção que um corpo é construído socialmente, “com uma valorização de certos atributos e comportamentos em detrimento de outros, fazendo com que haja um corpo típico para cada sociedade”. (GOLDENBERG, 2005, p. 68)

Ocorre que esse corpo típico varia a depender do contexto histórico ou cultural vivenciado pelos membros da sociedade. Outrossim, esse corpo também está associado com comportamentos privilegiados que devem ser imitados em detrimentos dos demais, logo configurando-se uma identidade e um corpo. (GOLDENBERG, 2005, p. 68)

Assim, sobre um corpo é possível se inscrever discursos sociais que refletem uma dinâmica cultural e social na qual esse corpo está inserido, bem como gerando um processo de domesticação.

Por outro lado, é nessa dinâmica em que processos culturais de definição sobre o conceito de beleza e sexualidade também são definidos. Igualmente, o resultado disso para o corpo é a “classificação e a avaliação das diferentes partes do corpo e as decorrentes associações estabelecidas entre tais partes e determinados atributos, positivos ou negativos



[...] Em síntese, a estrutura social encontra-se simbolicamente impresso no corpo [...]” (QUEIROZ; OTTA, 2000, p. 22 e 32)

Essas construções se firmam e ganham espaço nessa dinâmica social, em razão da formação dos habitus, pois o habitus tem a função de gerar “um corpo socializado, um corpo estruturado, um corpo que incorporou as estruturas imanentes de um mundo [...]”, haja vista o habitus ser o “princípio gerador e unificador que retraduz as características intrínsecas e relacionais de uma posição em um estilo de vida unívoco, isto é, em um conjunto unívoco de escolhas de pessoas, de bens, de práticas.” (BOURDIEU, 1996, p. 22, 23 e 144).

Esse habitus não surge de um vazio sendo incorporado ao corpo dos sujeitos, mas ele se solidifica, mediante o processo de interação entre eles, pois “quando o indivíduo se apresenta diante dos outros, seu desempenho tenderá a incorporar e exemplificar os valores oficialmente reconhecidos pela sociedade e até realmente mais do que o comportamento como um todo. [...] Se um indivíduo tem de dar expressão a padrões ideias na representação, então terá de abandonar ou esconder ações que não sejam compatíveis com eles. ” (GOFFMAN, 1996, p. 41 e 46)

A partir dessa explanação teórica, convém iniciar uma análise da canção “Toda Gostosa” de Mc Leozinho, a fim de exemplificar a dinâmica em que se insere e constrói o corpo e a identidade da piriguete ou periguete, consoante lê-se a seguir:

Desce , sobe , empina e rebola  
("vem mulher , sento , sento rebolando ,  
vem rebolando")  
Desce , sobe , a noite toda (" se eu passa  
noite com ela")  
Beija na boca  
Desce , sobe , empina e rebola  
Toda delícia , toda gostosa  
Desce , sobe , a noite toda  
Rebola na pista , beija na boca  
Dj sacode a pista , que ela quer dançar  
Dj sacode a pista que ela quer mexer  
Ta envolvida , não quer mais parar  
Enlouquecida ela quer descer  
Balança e sobe e desce  
Teu corpo me enlouquece demais  
Me diz amor como é que faz  
Balança e sobe desce  
Teu corpo me enlouquece demais  
Me diz amor como é que....  
[...]

Sobre a primeira estrofe da canção é possível se compreender que o objetivo principal é revelar as ações do feminino que se resumem em: descer, subir, empinar e rebolar. Esses verbos denotam os movimentos feitos pela mulher durante a dança de funk. Contudo, além desses movimentos há uma carga simbólica que compõem sua execução, a saber: “vem mulher , sento , sento rebolando , vem rebolando” e “se eu passa noite com ela”.



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Inferre-se nessa carga simbólica que a execução da dança deve provocar uma atração que o dançarino possui, portanto ele deve unir o perfil do seu físico a uma carga de fetiche que provoque uma atração visual ao outro sexo, com o fim dele se sentir convidado e excitado.

A continuação desse momento se dá com a ênfase do autor na repetição dos movimentos já mencionados, ademais há o acréscimo novamente de símbolos de execução e desejo que são a expressão “Toda delícia, toda gostosa”. Depreende-se que não há um manual de execução para atingir aquilo que é delicioso e nem gostoso, destarte atingir esse nível somente é possível, mediante o conhecimento prévio da estrutura simbólica e discursiva que reveste as relações entre os gêneros e o destinatário dessa dança.

Outro ponto fundamental da primeira estrofe está no fato de que a dança deve ser pública, logo aquele que mais incorpora os valores simbólicos que revestem os movimentos devem crescer em status social, assim eles passam a se destacar e alcançam as pistas, conforme elucidada o autor: “Rebola na pista, beija na boca”. O fim da execução e alcance dos status de aprovação e uso dos símbolos permite ao feminino outra ação de execução, destarte ela deve beijar um sujeito indeterminado.

Esse sujeito não se limita ao locutor, porque o mesmo não se coloca como destinatário, então o beijo pode ser direcionado a alguém indefinido e caracterizando uma possibilidade ilimitada de destinatários da dança e do prêmio.

A segunda estrofe da canção apresenta a continuação da execução simbólica dos movimentos, essa nova fase é repassada pelos verbos: “ela quer dançar, ela quer mexer, tá envolvida, não quer mais parar, enlouquecida ela quer descer”. Percebe-se uma progressão verbal na realização dos atos, pois o envolvido chega a perder o controle sobre si e nesse momento ela pode atingir o autor da canção e alcançar o nível mais alto de reconhecimento pelo destinatário.

Esse auge é alcançado na terceira estrofe que repete o tipo de execução mais desejado pelo ouvinte, portanto o balanço, a descida e subida. Assim, o olhar fixa-se nos movimentos do corpo revestido de um caráter simbólico, que passa por fim a enlouquecer o ouvinte, somente quando ela perde o controle dela mesma.

Esse controle é observado não só pela incorporação dos símbolos e projeção de discursos que criam um comportamento automático de execução, mas pela limitação dos

[www.generoesexualidade.com.br](http://www.generoesexualidade.com.br)

(83) 3322.3222  
[www.generoesexualidade.com.br](http://www.generoesexualidade.com.br)  
contato@generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222  
contato@generoesexualidade.com.br



movimentos a algo simbolicamente construído para ser sintetizado e valorizado de acordo com os padrões prévios que tem como foco ações contínuas que deem prazer ao ouvinte.

Por fim, percebe-se que esse comportamento reiterado e sem compreensão daquele que executa os movimentos é louvado pelo autor que simplesmente pergunta ao feminino como ele pode fazer para ter uma noite de sexo com ela, dessa maneira é preciso ela perder o controle de si para alcançar o nível de desejável pelo masculino.

É possível compreender que na medida em que a mulher avança em respeito e reconhecimento social pelo seu status simbólico alcançado na execução correta dos movimentos, ela passa a ser valorizada dentro de uma conjuntura discursiva já existente.

Toda essa carga simbólica presente na canção está associada a uma valorização de atributos corpóreos e ações humanas, sendo possível observar que toda ação feminina na música está focada na maneira como ela utiliza a bunda em movimentos, gestos e formato. Isso ocorre, porque a bunda “constitui um dos elementos mais visados por esse processo de construção escultural do corpo – feminino e masculino – no Brasil urbano”. (PEREIRA, 2000, p. 82).

Pelo menos na sociedade brasileira atual, um dos pedaços mais valorizados na redefinição da topografia simbólica do corpo é a bunda, também eufemisticamente chamada de “bumbum”, para tornar a expressão mais deglutível. No imaginário popular, a bunda é vista como “preferência nacional” no plano estético erótico. (PEREIRA, 2000, p. 81).

Diante do exposto, é possível se perceber que essa construção acerca da imagem da pirigute ou pirigute também define o conceito de gênero para o sexo feminino interpretado por essa imagem, haja vista o gênero ser algo performativo, consoante ensina Butler:

O gênero é, para Butler, uma ficção cultural, o efeito performativo de atos reiterativos. A razão porque não há identidade de gênero por detrás das expressões do gênero é que a identidade é performativamente constituída pelas próprias expressões que são vistas como sendo o seu resultado. Butler advoga a contestação dessa naturalização através da repetição deslocada da sua performatividade, chamando assim a atenção para os processos que consolidam as identidades sexuais. Uma das estratégias recomendadas é a repetição paródica das normas de gênero. [...] O gênero é, então, performativo, não porque seja algo que o sujeito assume deliberadamente, mas porque, através da reiteração consolida o sujeito. Não se trata, todavia, do mesmo que simplesmente “vestir



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

roupa”: o constrangimento é o pre-requisito da performatividade. (ALMEIDA, 2004, p. 20)

Em síntese, pensar na imagem da piriguete ou periguete é analisar uma personagem social criado com qualidades, atributos, performance e corpo diferenciado que permite ela ter uma identidade diferenciada entre os demais corpos femininos.

### A IDENTIDADE DA PIRIGUETE OU PERIGUETE

Outrossim, torna-se importante iniciar um debate próprio sobre o termo piriguete ou periguete, bem como as identidades atreladas a mesma. Destarte, o termo piriguete ou periguete reflete uma nova composição das relações linguísticas e simbólicas das diferenças entre os gêneros, depreende-se que ele se refere à mulher que exerce de fato sua liberdade sexual, pois ela não se preocupa se sua roupa é sexy, com quem fará sexo (se homem casado ou não) e ela busca sempre ser sensual.

Observa-se que esse comportamento da piriguete ou periguete tem objetivo de sempre apresentar-se feminina e sensual, assim como resultado existe uma rejeição perante as outras mulheres, pois tal atitude seria considerado como algo

reprovável. Isso pode ser demonstrado numa pesquisa feita pela revista TPM em que se verificou que quando as mulheres são comparadas a piriguetes ou periguetes, isso seria pedi-las para morrer.

Mas se Ivete Sangalo, do alto do seu pedestal, disse que estava piriguete, bem, isso não deve ser tão ruim assim. Ou não. Em enquete realizada pela *Tpm*, a maioria das leitoras considerou que ser chamada de piriguete seria “a morte”. Primeira conclusão: chamar alguém de piriguete é fácil. Se autodenominar piriguete, idem. Agora, ser chamada de piriguete soa como agressão, das grandes. (LEMOS, 2010)

Ao se fazer uma análise sobre a construção desse termo compreende-se que ele tem relação com os bailes funk e isso ocorre, porque nesses locais a liberdade sexual feminina, em muitos momentos, é valorizado como foi demonstrado na música *Toda Gostosa*, analisada no tópico anterior.

Essa canção estudada revela a dança feminina típica do funk, assim a mulher que incorpora essa imagem deve exercer esses movimentos de maneira diferenciada, porque além de executar o ritmo deve está disposta a desejar mais do que a simples execução sensual da dança.

As palavras “piriguete” e “putão” ainda não estão disponíveis nos dicionários

[www.generoesexualidade.com.br](http://www.generoesexualidade.com.br)

(83) 3322.3222  
[www.generoesexualidade.com.br](http://www.generoesexualidade.com.br)  
contato@generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222  
contato@generoesexualidade.com.br



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

de língua portuguesa, no entanto, elas estão disseminadas nas práticas discursivas entre os jovens das diversas classes e regiões do Brasil com algumas variações de sentido. Não se sabe ao certo quando e onde elas surgiram. Para além de simples gírias, elas deixam marcas da subjetividade dos sujeitos e carregam significados culturais e representacionais de gênero. São representações do feminino e do masculino construídas pelo discurso e encerram sentidos de posições assimétricas dos sujeitos, envolvendo relações de poder. Essas relações de poder emergem na linguagem e na cultura através de enunciados construídos e tomados como naturais pelo senso comum a partir de sua naturalização. Dessa forma, a linguagem cria representações sociais e institui o real. Nesse sentido, os objetos não existem para nós sem que antes tenham passado pela significação. Quando descrevemos ou explicamos algo em uma narrativa ou em um discurso, temos a linguagem produzindo sentidos, a “realidade”. (NASCIMENTO, 2008, p. 2).

Na comparação feita pelo autor entre a diferença terminológica de putões e piriguete permite entender que se tratam de relações de poder simbólicas que demonstram uma forma de interferência entre o falar e a prática de elementos culturais que atuam no processo de identidade entre os indivíduos.

A cultura é um desafio que, à semelhança de todos os desafios sociais, supõe e impõe, a um só tempo, que o indivíduo entre no jogo e se deixe levar pelo jogo:

além disso, o interesse pela cultura, sem o qual não existe corrida, nem concurso, nem concorrência, é produzido pela própria corrida e pela própria concorrência que ele produz. Fetiche entre os fetiches, o valor da cultura engendra-se no investimento originário implicado no próprio fato de entrar no jogo e na crença coletiva relacionada com o valor do jogo que faz o jogo e que refaz, sem cessar, a concorrência pelos desafios. (BOURDIEU, 2007, p. 234).

Essa análise de Bourdieu permite compreender que a cultura é produzida pela luta simbólica e tentativa de preposição de um discurso sobre o outro, portanto trata-se de um conflito pelo espaço social, assim convém enfatizar a ideia de Foucault acerca do discurso.

O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar. [...] O discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos; e, quando tudo pode, enfim, tomar a forma do discurso, quando tudo pode ser dito e o discurso pode ser dito a propósito de tudo, isso se dá porque todas as coisas, tendo manifestado e intercambiado seu sentido, podem voltar à interioridade silenciosa da consciência de si. Quer seja, portanto, em uma filosofia do sujeito fundante, quer uma filosofia da experiência originária ou em uma filosofia da mediação universal, o discurso nada mais é do que um jogo, de escrita, no primeiro caso, de leitura, no segundo, de troca, no terceiro, e essa troca, essa leitura e essa escritura

[www.generoesexualidade.com.br](http://www.generoesexualidade.com.br)

(83) 3322.3222  
[www.generoesexualidade.com.br](http://www.generoesexualidade.com.br)  
contato@generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222  
contato@generoesexualidade.com.br



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

jamais põem em jogo senão os signos.  
(FOUCAULT, 2009, p. 49)

O autor nesse momento declara que o discurso não traduz as lutas ou sistemas de dominação, mas é por ele que se deseja lutar. Para compreender o significado de discurso convém explanar o pensamento de Bourdieu que analisa o discurso a soma do habitus linguístico + mercado linguístico. (BOURDIEU, 1978, p. 1).

Por habitus linguístico, Bourdieu compreende como:

[...] ser o produto das condições sociais e pelo fato de não ser uma simples produção de discursos, mas uma produção de discursos ajustados à uma “situação”, ou de preferência, ajustados a um mercado ou a um campo. (BOURDIEU, 1978, p. 01)

Atrelando o exposto à compreensão por Bourdieu de que no mercado linguístico “se exercem forma de dominação que tem uma lógica específica”, infere-se que analisar o termo piriguete ou periguete dentro das relações simbólicas sexuais é compreender que essa expressão está inserida num discurso, destarte está diretamente relacionada a um habitus linguístico e valorizado de acordo com o mercado do falar. (BOURDIEU, 1978, p. 03).

Com base nisso, convém analisar o que as pessoas entendem por essas

expressões, a fim de compreender como elas estão inseridas dentro dessa conjuntura discursiva. Para isso utilizou-se do artigo intitulado de “Uma cartilha da mulher adequada: ser piriguete e ser feminina no Esquadrão da Moda” publicado pela da Revista Contracampo. Esse trabalho se mostrou essencial pela análise feita pelo autor acerca do programa Esquadrão da Moda apresentado no SBT, em que num dos episódios apresentou uma jovem considerada piriguete, assim revelou-se na entrevista diversos dilemas que revestem esse termo.

Melissa Stoner, personagem do programa exibido em 7 de abril de 2010, tem 22 anos e usa roupas justas, curtas e decotadas, deixando partes do corpo à mostra. O estilo de Melissa é considerado vulgar por seu namorado, suas amigas e seus parentes. A participante foi indicada pelo namorado para participar do programa. Ele se diz constrangido pela forma como Melissa se veste, já que ela chama a atenção de outros homens. “Você sente ciúmes ou orgulho de ver a sua namorada assim?”, Arlindo pergunta, no programa. “Nenhum dos dois. Eu me sinto superenvergonhado”, afirma o rapaz, que define: “o estilo da Melissa é largado, é estilo ‘piriguete’”. No programa, por várias vezes o namorado é citado como aquele que vai aprovar (ou não) a transformação de Melissa. O especialista intervém: “*eu estava esperando isso: é totalmente ‘piriguete’*”. Dirigindo-se à participante, Arlindo explica: “essas suas roupinhas são um atentado à

[www.generoesexualidade.com.br](http://www.generoesexualidade.com.br)

(83) 3322.3222  
[www.generoesexualidade.com.br](http://www.generoesexualidade.com.br)  
contato@generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222  
contato@generoesexualidade.com.br



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

segurança nacional. Se você continuar andando assim vai precisar andar com vários seguranças em volta, porque se não, não dá”. O comentário do especialista sugere, em tom jocoso e ameaçador, que Melissa pode ser atacada (sexualmente?) por causa da roupa que usa. Melissa, frequentadora assídua de bailes funk e pagodes, diz se sentir bem se vestindo dessa forma. Ela avisa aos especialistas que seus gostos e convicções não serão modificados tão facilmente. Enquanto os apresentadores criticam e jogam no lixo as roupas da participante, ela diz que ama aquelas peças. No desfile final, a transformação de Melissa parece ter agradado mais aos especialistas do que à própria participante. [...] Melissa tem um namoro estável e se mostra comprometida com o namorado, mas afirma o desejo de ser notada por outros homens. O programa deixa claro que isso é uma infração, estabelecendo os limites entre o aceitável e o inaceitável. (CERQUEIRA; CORRÊA; ROSA, 2012, p. 132)

Com base no discurso e investigação acerca do episódio o autor conclui que o termo *piriguete* relaciona-se com a ideia de mulher perigosa, pois ela absorve “infrações sociais”. Sendo essas violações demonstrações do poder do discurso e conseqüentemente da força dos símbolos.

A escolha pelo uso de roupas curtas e justas faz com que as pessoas definam o estilo da participante como “*piriguete*”. O termo *piriguete* (ou *periguete*), de conotação pejorativa, tem sido usado (na música popular, na mídia, na conversa informal) para definir a mulher que não

está adequada aos padrões tradicionais de conduta feminina, seja por ter muitos parceiros sexuais, seja por agir ou se vestir de maneira considerada provocante. A mulher *piriguete* é vista como um *perigo* para a sociedade, pois ameaça valores tradicionais com seu comportamento sexual fora de relações estáveis/aceitas ou pela exposição do corpo, que pode sugerir conduta inadequada. É importante observar que não há termo pejorativo correspondente que se refira ao comportamento sexual heterossexual masculino ou à maneira de se vestir do homem. A crítica ao homem passa pela heterossexualidade/homossexualidade. Chamar a atenção do sexo oposto ou se relacionar com muitas mulheres não é considerado um problema para os homens, pelo contrário, é algo valorizado socialmente. (CERQUEIRA; CORRÊA; ROSA, 2012, p. 133)

Com base no estudado pode-se ainda concluir que esse termo expressa a existência de um jogador diferenciado nas relações de gênero. Assim, numa reflexão sobre as qualificações que compõem esse novo personagem permite-se entender que apesar da liberdade e poder sobre si que ele possui, o mesmo se insere num conjunto de elementos simbólicos e discursivos que são tirados para limitar seu poder de atuação dentro do mundo social, logo inserem-se dentro de uma liberdade mitigada para um fim.

Assim apesar dos ganhos sexuais que elas passam a ter em relação a outros atores

[www.generoesexualidade.com.br](http://www.generoesexualidade.com.br)

(83) 3322.3222  
[www.generoesexualidade.com.br](http://www.generoesexualidade.com.br)  
contato@generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222  
contato@generoesexualidade.com.br



sociais que não possuem essa liberdade sexual sobre si, as mesmas inserem-se numa dinâmica discursiva criada para aparentar uma pseudo liberdade. Isso é observado constantemente na associação da mulher piriguete ou periguete como alguém que se comporta dessa maneira objetivando o olhar de outro homem, então o fim de sua atuação é ser notada por alguém.

Destarte, o fim de suas ações não está na valoração dela em si, mas dela por consequência de um ganho simbólico impetrado por outra pessoa que interferiu na maneira de como ela se vê. Isso também é fruto da definição do próprio termo, pois o perfil dessa mulher é sempre voltado para o agrado de uma pessoa.

## CONCLUSÃO

A partir do estudo feito é possível se compreender que a figura ou imagem social da piriguete ou periguete está necessariamente associada a um corpo com estética e performance própria, o que revela que ser piriguete não é simplesmente obter uma ideia do agir, mas incorporar um papel social atrelado a uma própria definição de seu gênero.

Destarte, a liberdade sexual associada a identidade da mulher piriguete ou periguete age numa dinâmica sexual como reconstrutora

do papel feminino, haja vista ela transmitir um discurso diferenciado a imagem tradicional da mulher, uma vez que a imagem de liberdade ou empoderamento sexual feminino da mulher piriguete foge dos padrões da mulher recatada.

A consequência direta disso é a projeção de uma performance diferente que define a identidade da mulher piriguete, portanto redefinindo o próprio conceito de mulher ao associar-se a esse termo. Por outro lado, essa liberdade sexual também tem seu preço, na medida que a fuga do padrão tradicional gera o preconceito e a rotulação como mulher perigosa ou uma vergonha social pela absorção dessa liberdade sexual para o feminino.

Essa conjuntura revela o quanto a sexualidade é dinâmica e sobre a mesma é exercida um forte controle social, bem como é sempre possível a possibilidade de inversões que busquem fugir do modelo padronizado ao papel sexual dos homens e mulheres no meio social.

Ao se analisar a música “Toda Gostosa” viabiliza-se compreender, a título de exemplo, a sensualização de um corpo, bem como a maneira que a sociedade constrói e dá ao corpo feminino performance e estética que gerem ao mesmo um padrão de beleza. Assim,



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

entender a figura social da piriguete ou periguete é também ver esse mesmo processo de sensualização por meio da absorção desses mesmo padrões de beleza que constroem essa estética e performance.

Outrossim, pensar sobre a identidade da piriguete ou periguete é avaliar como alguém com maior liberdade sexual, pode obter esse benefício e não conseguir autonomia de fato, mas aferir apenas status simbólicos limitados às estruturas que não podem ser quebradas. Observa-se que essa identidade é valorizada e estigmatizada simultaneamente, além de expressar relações de poder e a divisão sexual entre os gêneros.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Miguel Vale de. O corpo na teoria antropológica. **Revista de Comunicação e Linguagens**. XXXX: vol. 33, p. 49-66, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas**. Campinas: Papirus, 1996.

\_\_\_\_\_. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp, 2007.

\_\_\_\_\_. O mercado linguístico. In: Conferência na Universidade de Genebra, 1978, Genebra, **Palestra**, Genebra:, 1978. p. 1-15.

CERQUEIRA, Lígia Campos de; CORRÊA, Laura Guimarães; ROSA, Maitê Gurgel. A cartilha da mulher adequada: ser *piriguete* e ser feminina no *Esquadrão da Moda*. **Revista**

**Contracampo**, Niterói: v. 24, n. 1, pags: 120-139, jul. 2012.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2009.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1996.

GOLDENBERG, Mirian. Gênero e corpo na cultura brasileira. **Psicologia Clínica**. Rio de Janeiro: vol. 17, n. 2, p. 65 – 80, 2005.

LEMONS, Nina. **Será que você é piriguete?** Disponível em: <<http://revistatpm.uol.com.br/reportagens/sera-que-voce-e-piriguete.html>>. Acesso em: 22 jun. 2013.

MC LEOZINHO. **Toda gostosa**. Disponível em: <<http://letras.mus.br/mc-leozinho/toda-gostosa/>>. Acesso em: 22 jun. 2013.

NASCIMENTO, Clebemilton Gomes do. “Piriguetes e putões: representações de gênero nas letras de pagode baiano. In: VIII Fazendo Gênero: Corpo, Violência e Poder, 2008, Florianópolis, **Anais**, Florianópolis:, 2008, p. 1-7.

PEREIRA, João Baptista Borges. A linguagem do corpo na sociedade brasileira do ético ao estético. In: QUEIROZ, Renato da Silva (org.) **O Corpo Brasileiro: estudos de estética e beleza**. São Paulo: Senac, 2000.

QUEIROZ, Renato da Silva; OTTA, Emma. A beleza em foco: condicionantes culturais e psicológicos na definição da estética corporal. In: QUEIROZ, Renato da Silva (org.) **O Corpo Brasileiro: estudos de estética e beleza**. São

[www.generoesexualidade.com.br](http://www.generoesexualidade.com.br)

(83) 3322.3222  
[www.generoesexualidade.com.br](http://www.generoesexualidade.com.br)  
contato@generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222  
contato@generoesexualidade.com.br



# XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Paulo: Senac, 2000.



[www.generoesexualidade.com.br](http://www.generoesexualidade.com.br)

(83) 3322.3222  
[www.generoesexualidade.com.br](http://www.generoesexualidade.com.br)  
contato@generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222  
contato@generoesexualidade.com.br